

COM A PALAVRA



Fotos: ADRIANA GARCIA

Berenice Corsetti

“O sindicato me humanizou mais”

Quando se fala sobre a história da SEDUFSM, um nome não pode ser esquecido: o de Berenice Corsetti. Professora do curso de História da UFSM entre 1986 e 1998, Berenice, que veio de Caxias do Sul para Santa Maria, é referência para o movimento docente local. Uma das fundadoras do sindicato, em 7 de novembro de 1989, ela dirigiu a entidade por duas gestões sucessivas (1990-92 e 1992-94). Neste período, além de momento de consolidação da seção sindical, também foi um período de grandes ações, como a greve de 1991, que durou 100 dias, em pleno governo Collor e as greves já no governo Itamar, que conseguiram arrancar uma política salarial para o magistério. Foi ainda na diretoria comandada por ela que cerca de 800 docentes, a partir de uma ação coletiva, obtiveram na justiça o ganho de 84,32%, correspondente à inflação do mês de março de 1990. A vitória foi muito comemorada, mas derrubada em 1995 pela reitoria da UFSM, episódio que lamenta até hoje. Aposentada da UFSM, Berenice, atualmente, ministra aulas na Universidade do Vale dos Sinos (Unisinos). Mestre pela Universidade Federal Fluminense e Doutora pela Universidade Estadual de Campinas, a 'comandante', como era chamada pelo seu colega de diretoria, professor Ricardo Rondinel, ainda hoje defende pressupostos como o de que os interesses coletivos devem prevalecer frente aos interesses individuais. Além de assembleias memoráveis no Auditório Gulerpe, Berenice Corsetti lembra de outros fatos positivos em entrevista ao Jornal da SEDUFSM. Para ela, ter militado no sindicato foi muito importante, pois foi um somatório de elementos que a deixaram mais “humanizada”. Acompanhe a entrevista a seguir e, brevemente, na página da SEDUFSM, a íntegra:

PERGUNTAS & RESPOSTAS

Pergunta- A SEDUFSM completa no dia 7 de novembro, 18 anos de vida. Quando a sra. olha para trás, que lembranças surgem lá do período das origens do sindicato?

Resposta- São lembranças que eu guardo com muito carinho. Acredito que a minha trajetória, a minha participação ou o trabalho que realizei no sindicato foi uma das mais belas experiências da minha vida. Com esta carga afetiva, emocional e de compromisso político é que eu lembro da criação da SEDUFSM em um contexto histórico complicado, que foi o embate interno no ANDES, em relação à constituição do ANDES como sindicato, após 1988; as divergências internas na UFSM, como as diferenças entre o pessoal que entendia que não devíamos estar filiado à CUT. Então, a filiação do ANDES à CUT foi um marco de ruptura interno no movimento docente e o caso da UFSM foi emblemático e é até hoje, dada a existência à manutenção da associação docente e a necessidade da criação do sindicato. Essa necessidade de criar a seção sindical com a manutenção da associação docente significou para todos aqueles que acreditaram na constituição de um sindicato nacional forte, unificado e que servisse de instrumento de luta para todas as nossas reivindicações, tanto no plano profissional, de categoria, de condições de trabalho e salário, quanto também na defesa da universidade pública.

Entendíamos que o Sindicato Nacional era fundamental nesse sentido e, portanto a criação da SEDUFSM foi um ponto de referência para muitos colegas, o ponto de honra, digamos. Nesse contexto, acredito que foi importante a criação da SEDUFSM, por encaminhar muitas lutas. Durante o período de 13 anos que eu estive na UFSM, participei de oito greves; estive em cinco comandos de greves e dois comandos nacionais representando os docentes da universidade. Então, é uma luta muito importante que eu guardo naquilo que eu chamo do meu baú das boas recordações, como talvez, eu repito, uma das melhores experiências da minha vida, porque permitiu com que eu me humanizasse muito mais. Na busca da construção coletiva e não apenas da busca de interesses individuais.

P- Desse surgimento e consolidação do sindicato, que momentos positivos a sra. se lembra e quais os mais difíceis que recordas?

R- Eu acho que a criação da SEDUFSM foi um momento extremamente positivo. A articulação com os colegas, o quanto eles assumiram a idéia, partindo do nada, de criarmos a seção sindical. Nós não tínhamos sede, não tínhamos uma folha de papel. Começamos com uma sala emprestada pela administração superior da

universidade. Portanto, todo esse movimento com os colegas foi muito positivo, muitas pessoas se envolveram, acreditaram e nos ajudaram a construir. Outro momento positivo foi sem dúvida, as greves que fizemos, apesar de todo o desgaste que o movimento grevista coloca. A gente sofre muito nos períodos de greve, mas ao mesmo tempo tivemos momentos maravilhosos de concretização do que era a defesa da universidade, das nossas reivindicações e tivemos muitos avanços. Tivemos conquistas efetivas. Lembro com muita emoção daquelas assembleias do auditório Gulerpe lotado, a fidelidade do movimento. Lembro-me particularmente da greve de 1991, quando nós ficamos 100 dias em greve e aquelas assembleias acompanhando o movimento até sua saída unificada. Então, foram momentos muitos significativos. Tivemos conquistas salariais, como a dos 84,32%. Depois, o momento difícil, da retirada dessa conquista, ao invés de conseguirmos estender a todos os colegas, que havia uma parcela que era os professores estatutários que não tinham ainda recebido. Também momentos difíceis na greve, quando cortaram os salários. Mas nada disso significou motivo para recuo do movimento. Então, eu creio que foi sempre muito importante essa perspectiva da união dos colegas e acredito que talvez os momentos mais

difíceis tenham sido os momentos de greve, em que saímos apenas com conquistas políticas e nem sempre com conquistas materiais, o que às vezes esvaziava um pouco o movimento. Por outro lado, a retirada dos 84,32%% foi uma coisa dura, principalmente para quem acreditava em ter na reitoria uma parceira das lutas e não apenas uma representante do governo.

P- Em relação a esse episódio especificamente, voltando no tempo. Naquele momento (1995) houve a decisão em assembleia, de considerar o reitor Odilon (Marcuzzo do Canto) persona non grata para o movimento docente, mas ele, inclusive em 2005, quando tivemos a edição do 'Repensar a Universidade', foi convidado para participar e no discurso manifestou uma espécie de mágoa por ter recebido o título. O professor Odilon alega que esse era um papel que ele tinha que cumprir. Na sua avaliação, era possível o reitor ter uma postura diferente?

R- Eu acredito que sim. O que foi feito foi o ingresso de uma ação rescisória. E a decisão foi da reitoria.

P- Uma decisão política mais do que jurídica?

R- (A iniciativa da reitoria) Oportunizou a reversão de uma decisão que havia transitado em julgado, na segunda instância. Então, parece que foi uma decisão política, de acompanhar efetiva-